Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO-MEMORIAL / MEMORIAL ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.722

ENRAIZADA NA CONSCIÊNCIA DE-MIM-MESMA: narrativa de uma pesquisadora, docente, mulher da roça

RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA[1]

RESUMO: Este trabalho é o recorte das vivências de uma mulher preta e do campo, oriunda de escola multisseriada, alfabetizada por uma professora leiga. O intuito deste trabalho é trazer alguns relatos vivenciados por esta que vos fala através da escrita, levando em consideração suas referências de vida, o contato com a natureza desde a tenra idade e a sua inserção no mundo da leitura. Para tanto, a leitura e a escrita são partes desse processo. Além disso, as reminiscências foram o caminho para o delineamento da composição deste texto. Assim, trago aqui minhas impressões pessoais mesclando com a teoria e sempre tentando a reflexão da importância de documentar as nossas experiências que muitas vezes servem até de inspiração. Por sua vez, demonstrar o quão imprescindível é a leitura na formação do indivíduo como um todo, seja ela a leitura da palavra ou de mundo.

Palavras-chave: Motivação pessoal, Referências pessoais, Leitura e Travessura.

1 - Pedagoga (UNEB). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial – PPGADT da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Coordenadora Pedagógica do Projeto Conhecer, Analisar e Transformar (CAT) pela Secretaria de Educação de Itiúba/BA. Voluntária do Instituto Rumos da Educação para o desenvolvimento do Semiárido Brasileiro. E-mail: raimundaps88@gmail.com

Rooted in myself-consciousness: narrative of a researcher, teacher, woman from the roça

ABSTRACT
This work is an excerpt of the experiences of a black and rural woman, coming from a multigrade school, literate by a lay teacher. The purpose of this work is to bring some reports experienced by this one who speaks to you through writing, taking into account her life references, contact with nature from an early age and her insertion in the world of reading. Therefore, reading and writing are part of this process. In addition, reminiscences were the way to outline the composition of this text. So, I bring here my personal impressions mixing with theory and always trying to reflect on the importance of documenting our experiences that often serve as inspiration. In turn, demonstrate how essential reading is in the formation of the individual as a whole, be it reading the word or the world.

Keywords:
Personal motivation, Personal references, Reading and Mischief.

Introdução

Este trabalho tem o intuito de trazer algumas das vivências de uma mulher preta, da roça, filha de agricultores, desabastada financeiramente, protagonista de sua história e que, através da sua trajetória, vai se (re)construindo enquanto pessoa e profissional, tentando, da melhor forma possível, deixar marcas boas por onde passa. Para isso, tento trazer aqui recortes eventuais da minha caminhada com objetivo de aguçar o meu cognitivo e fazer-me expressá-lo através da escrita a iniciar-se por este documento/artigo de cunho pessoal e científico, no qual trago, também, relatados de algumas atividades que me foram designadas a realizar. Aqui, a caracterização das informações pessoais requer muita atenção e sensibilidade para que seja clara e concisa naquilo que quero expor de acordo com as anotações e registros autobiográficos.

Este texto discorrido foi divido em tópicos para uma melhor compreensão. A princípio, verso sobre o interesse pessoal em adentrar no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural – Mestrado Profissional, vinculado à Universidade Federal do Vale do São Francisco. Em sequência, os escritos pessoais ao longo do meu processo educativo; logo após, passo a narrar uma atividade realizada (o plantio de uma árvore); esse tópico engloba também dois subtópicos: um que faz menção ao cuidado e conservação da caatinga e outro que leva a discussão para a flora da caatinga que está sendo devastada e extinta. E, por último, trago as ponderações sobre o que foi explanado no todo do trabalho.

Motivação pessoal para estar no Mestrado

A motivação é algo intrínseco ao ser humano, ela tem o papel de instigar a realização de um objetivo, diz respeito a uma ação biopsíquica que ocorre no interior do indivíduo, dito isso: "A motivação constitui um constructo, um recurso de que o cientista se vale para preencher lacunas no campo da observação e para facilitar uma explicação adequada daquilo que se está produzindo na área da conduta [...]" (CAMPOS, 2003, p. 109). Dessa forma, há necessidade de criar condições para que a motivação aconteça e perdure até possibilitar a realização do que foi apontado.

Nasci literalmente na roça, no Limoeiro, Serra de Itiúba[i]/Bahia. Minha Avó foi quem fez o parto. Naquela comunidade, eu vivi até os meus 15 anos de idade (sem energia elétrica), mas tive que ir embora, porque precisava estudar. Sou oriunda de uma escola multisseriada[ii] e por sempre ter apreço à Serra de Itiúba e à comunidade da minha gênese, procurei – quando possível – realizar as

i - Itiúba fica a 308,3 km de Salvador, está localizada ao Norte da Bahia, e faz parte do Território do Sisal, faz limítrofe com os municípios de Senhor do Bonfim; Queimadas; Filadélfia; Monte Santo e Andorinha. Ela tem sua economia baseada na agropecuária e agricultura familiar como é o caso dos moradores das comunidades da Serra, ressaltando o Limoeiro que é a minha comunidade de origem, onde predomina a agricultura de subsistência (SILVA, 2021).

ii - Multissérie é diversos alunos em níveis, anos e etapas diferentes na mesma sala, no mesmo horário e com um/a único/a professor/a e/ou auxiliar, porém em alguns casos a presença do auxiliar é inexistente (HAGE, 2011).

atividades acadêmicas que estive envolvida durante o período da graduação, neste espaço familiar e identitário.

O Mestrado foi um anseio em processo de concretude, foi uma forma de voltar à Serra de Itiúba e suas comunidades, a fim de contribuir na reflexão da realidade daquelas pessoas que veem na educação uma forma de progresso. Por isso, minha dissertação de Mestrado está estabelecida em um estudo de caso tendo como *lócus* a comunidade chamada "Cabeça", localizada na Serra de Itiúba. Ali a energia elétrica tardou, chegando em junho de 2017. As famílias residentes na Comunidade Cabeça têm um modo de vida próprio semelhante, em certa medida, aos primeiros habitantes do lugar, pessoas que provavelmente eram descendentes de indígenas e escravos, já que a Serra é composta de várias etnias e por lá habitaram muitos índios e escravos; estes últimos foram levados pelo Padre Severo, grande Latifundiário da época, visto que ele era dono de maior parte da Serra.

Figura 1 – Estrada (caminho) que vai para a comunidade do Periperi e que as pessoas dizem ter sido feita pelos escravos



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Até os dias atuais, vemos indícios da passagem dos escravos por lá pela Serra em algumas comunidades, inclusive construções como essa retratada na Figura 01.

Perante esse advento, emergiu a minha curiosidade e interesse em pesquisar a inserção de tal tecnologia na cultura da mencionada comunidade. Para mim, o esforço de estudar foi/será sempre um processo contínuo, não pretendo parar no Mestrado. A força motriz para a (re)construção de conhecimentos são as pessoas que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha trajetória. Apesar de não ter escolaridade nenhuma, minha Mãe sempre me incentivou nesse processo. Ela é fascinada por leitura e escrita, embora tome para si o ditado que diz: "papagaio velho não aprende a falar". E meu Pai estudou até a primeira série do antigo primário.

Não foi fácil chegar até aqui. O percurso foi cheio de percalços. Estudei a graduação inteira pegando caronas com pessoas desconhecidas, às vezes eram quatro desconhecidos diferentes por dia, em sua maioria, esses eram caminhoneiros. Eles, muitas vezes, além das palavras de incentivo, separavam uma pequena quantidade das frutas que estavam carregando para nos dar. O fato de precisar pegar caronas seria por conta da dificuldade de transporte coletivo nos horários que estudávamos. Então, muitos de nós, estudantes, precisávamos nos deslocar da faculdade para casa e de casa para a faculdade e, nem sempre, pegávamos caronas que faziam o nosso trajeto completo, em verdade, na grande maioria das vezes, precisávamos pegar várias caronas até chegar ao nosso destino. Contudo, sinto-me agraciada, pois os obstáculos me tornaram resistentes à maneira de algumas árvores da nossa caatinga. Não tenho a pretensão de abarrotar currículo, quero ser uma pessoa e profissional empática cada vez mais. Humana que sou, acredito no processo de aprendizagem como meio para encontrar caminhos, mediar o conhecimento, criar conexões e inspirar outras pessoas.

As referências pessoais durante o trajeto educativo

Sempre temos alguém que admiramos, às vezes podem ser várias pessoas, e isso não ocorre de maneira aleatória. De alguma forma, aqueles que veneramos tiveram ou têm uma participação peculiar na nossa vida. Para tanto, consequentemente, são pessoas que nos impulsionam a ser melhores, contribuindo significativamente para o nosso processo de aprendizagem. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que tive boas orientações.

A princípio, uma das minhas principais referências foi a minha primeira professora, Dona Maria. Ela era professora leiga[iii], trabalhava dois turnos com turmas multisseriadas numa escola da comunidade próxima onde eu morava. A unidade escolar funcionava mesmo com condições físicas precárias, atendia a alunos da Educação Infantil até o quinto ano do Fundamental I. Foi a docente dessa escola que me alfabetizou, constituindo o alicerce para a minha trajetória educativa.

iii - Os/as professores/as leigos/as foram os/as pioneiros/as da educação formal. Embora tivessem pouca escolaridade, conseguiram alfabetizar muitas pessoas sem estrutura física e subsídios pedagógicos, alguns tinham o fundamental e médio completo, outros apenas o fundamental. Ainda realizaram um grande trabalho e deixaram um legado imprescindível (SOUZA, 2016).

Posteriormente, tiveram outros professores que contribuíram bastante, mas dentre eles, o professor Joel Porto – por quem desenvolvi grande afeto. Ele me ensinou a construir redação, ajudou-me nas dificuldades com a gramática e me auxiliou diretamente para o acesso nos cursos de graduação em que me inscrevi. É professor da rede pública e privada do município; atuou na Secretaria de Educação de Itiúba, enquanto Secretário Municipal, mantendo uma minibiblioteca em sua casa. Foi o autor de vários projetos sociais e culturais que ocorreram no município, trazendo benefícios, como por exemplo, o da Filarmônica – orquestra sinfônica da cidade, chamada Dois de Julho (em homenagem ao dia da Independência da Bahia).

Na graduação, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi voltado para Educação do Campo e precisava de orientação na área. Foi, então, que conheci Ivânia Paula Freitas de Souza Sena; fomos apresentadas pelo professor Pascoal, uma pessoa pela qual, também, tenho grande estima. Ele não me apresentou à Ivânia; ele nos conectou.

Ela foi minha orientadora. Antes coordenou o subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID/UNEB/CAPES: "*Experimentando possibilidades na organização do trabalho pedagógico das escolas do campo multisseriadas"*; desenvolvido pelo Colegiado de Pedagogia do Departamento de Educação, Campus VII, Senhor Bonfim/Ba, do qual fiz parte de março de 2014 até março de 2016. Ali, desenvolvi atividades ligadas às observações, intervenções, oficinas e outras apresentações de trabalhos. Ela (a professora Ivânia) é um ser único, uma das minhas inspirações. É uma mulher de várias identidades: mãe, amiga, profissional, etc. O seu cuidado comigo e com todos os seus alunos é algo encantador. Ela vibrou e vibra pelo sucesso alheio, é um ser de luz.

O plantio de uma Árvore: raízes na consciência de-mim-mesma

Visto que nasci e cresci na roça, o contato com a natureza sempre foi algo prazeroso e constante. No terreiro da nossa casa, na comunidade do Limoeiro – Serra de Itiúba/Bahia, tem pés de mangueiras, jaqueiras, goiabeira e cafezeiro. Desde pequena, o hábito de plantar árvores sempre foi comum e agradável. Já que lá é acidentado, do ponto de vista geográfico, há predominância de um microclima, ou seja, chuvas mais acentuadas, neblina vista praticamente o ano inteiro e não esporádicas como estamos acostumados normalmente no Sertão, daí a existência de um solo mais escuro, em algumas áreas, tendo o aspecto de fertilidade. Beirando o terreiro de nossa casa, tinha uma árvore que eu adorava, ela colocava uns frutos de cor verdes que tinham um formato de passarinhos e até hoje não sei o nome científico, mas meu pai a chamava de sucupira. Eu gostava dela, porque todos os dias, à tardinha, os periquitos se juntavam lá. Eram tantos que não dava para contar; achava aquilo um espetáculo, pois o tom de verde deles se misturava com o verde das folhagens da árvore, pareciam camuflados e quando alçavam voo, em conjunto, faziam daquele momento um espetáculo peculiar.

A plantação era um hábito contínuo. Nós, as crianças das comunidades, fomos ensinadas que: "quem planta sempre tem". Sendo assim, plantávamos a maioria das coisas que consumíamos e tínhamos um respeito enorme entre o processo de plantio e colheita. Não tocávamos em algumas flores, porque os mais velhos diziam que "pecava", ou seja, a flor caía e não gerava frutos. A outra recomendação era pra não tirar os frutos verdes e não desperdiçar. Nós não entendíamos bem o significado desses ensinamentos naquele momento, mas, hoje, reflito e os coloco em prática, compreendo perfeitamente o que essas pessoas queriam nos ensinar e, sempre que posso, passo para as novas gerações de meus alunos e alunas.

Pouco tempo antes de escrever este relato, eu havia plantado um pé de abacate (Figura 2) lá na Serra de Itiúba/Bahia. O abacate (*persea gratíssima*) é da família *Lauraceae*, é uma árvore frutífera, perene; pode ser encontrada em diversos locais, tanto no campo/roça quanto na cidade. Ele não é uma arvore de origem brasileira, veio da América Central/Guatemala, Antilha e México, mas popularizou-se em todas as regiões no Brasil. A folha do Abacateiro tem a cor verde-musgo e um cheiro forte. Existe uma variedade aqui no Brasil. O fruto é comestível e tem um sabor inigualável, inclusive, consegue ser consumido, algumas das várias espécies, sem a adição de glicosídeos, lactose, pois já é naturalmente açucarado (TANGO; CARVALHO; SOARES, 2004).

Figura 2 – Abacate (*persea gratíssima*) com 45 dias de plantada



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Em algumas regiões como a nossa (o Semiárido), existe a cultura de adicionar açúcar, laranja, leite e até farinha de mandioca na polpa do abacate – após a retirada da casaca e do caroço (semente) – para dar um sabor específico ao fruto. Na Serra de Itiúba, além do abacateiro, existem outras árvores frutíferas, como: jaqueiras, mangueiras, bananeiras, laranjeiras, goiabeiras que são plantadas sem a utilização de fertilizantes industrializados e, segundo as pessoas mais velhas, elas dão frutos de acordo com a estação de cada uma; com o abacate não é diferente. Daí as pessoas consomem e vendem o excedente na feira livre da cidade que acontece aos sábados, reunindo pessoas e seus animais transportando os frutos, legumes e hortaliças. Essa retratação da lida pelos animais está exposta no poema do professor Joel Porto[iv] que descreve o percurso feito por eles nos dias da feira.

Iv - Esclarecemos que o poema "Os burrinhos da Serra", de autoria de Joel Porto foi publicado no blog da Filarmônica 4 de janeiro, no seguinte endereço eletrônico: http://www.filarmonica4dejaneiro.blogspot.com.br, conforme acesso feito em 23 de nov. 2018. Todavia, no momento de produção deste texto, a página encontrava-se em manutenção.

> Quando a manhã bela e fria se revela, junta-se à alegria dos burrinhos da Vila / Eles estão felizes, apesar das cargas. Eles estão contentes, vão descer a Serra. Seguem em fila, uns levam

> verduras, outros levam frutas, farinha, feijão abastecem a feira daquela cidade / toda a produção é da região. De noitinha voltam, cruzam a Rua do Fato, perdem-se no cansaço, na escuridão. Agora na Serra uma estrela brilha, os burrinhos dormem para outras lidas.

Os animais, burros e jegues, são utilizados como transportes de coisas e para pessoas. Eles são arreados com uma cangaia e caçuás, o primeiro é feito de madeira e couro, já o último é feito de cipó. Tanto a cangaia quanto os cacuás podem ser chamados de tecnologia social utilizada para aprimorar sua sobrevivência, esses utensílios são colocados nos burros ou jegues e servem para carregar frutas, lenha, levar a cesta básica da cidade até a casa dos agricultores (Figura 3).

Figura 3 – Pessoa montada em um burro arreado com a cangaia e caçuás



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Voltando ao abacate, lembro-me de que era um dos nossos lanches prediletos da tarde ou do café da manhã; os saguins e os pássaros também o utilizavam como alimento. O abacateiro, por ser uma árvore de grande porte, produzia – para nós – sombreiros bons de fixar balanços feitos com cordas (os cabrestos dos animais) e um pedaço de madeira. As folhas servem para fazer chás que amenizam as dores nos rins e infecções urinárias.

Ressalto que fui uma criança agraciada por ter tido o privilégio de pertencer àquela-comunidade onde fenômenos da natureza se faziam/fazem presentes. E a cada visita à comunidade, à Serra de Itiúba no geral, há o (re)deslumbramento que, em algumas situações, reportam-me à época da infância. Lembro-me, também, de que perto da casa na qual nasci, surgira – entre o amontoado de pedras – um pé de cansanção. Ele crescera medianamente, exibindo-se por folhas enormes e delineadas que mais pareciam uma obra de arte. Eu ficava fascinada com tal exuberância, mas não podia tocá-la, porque causa coceira. Portanto, durante aulas no Mestrado, principalmente aquela no Centro de Referência Para Recuperação de Áreas Degradadas da Caatinga (CRAD/UNIVASF), em alguns momentos, foi possível relembrar da infância entre sentidos, significados e enraizamentos elaborados por uma – que um dia eu fui – caminhando rumo à escola da roça.

A importância da Leitura: um pouco das minhas travessuras

Ler é um hábito influente que nos faz conhecer mundos e ideias. A criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, é beneficiada em diversos sentidos, possivelmente ela se desenvolve com mais rapidez comparada à outra que não tem esse privilégio. Ela tende a pronunciar melhor as palavras e isso favorece a sua comunicação de forma geral. Por meio da leitura, a criança desenvolve a criatividade, a imaginação, o senso crítico desde cedo, isto é, alarga seu conhecimento. Segundo Martins (1994, p. 23) "Ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de 'ler pelos olhos de outrem". Portanto, o hábito da leitura possibilita aos indivíduos tornarem-se mais conscientes e autônomos.

Eu aprendi a ler muito cedo, basicamente aos três anos de idade, quando entrei na escola. Iniciei com o ABC e no final do ano letivo já estava lendo tudo, inclusive escrevendo meu nome, recordo-me de que adorava escrever; logo que aprendi a escrever o meu nome, sempre o escrevia repetindo várias vezes a letra "a" no final, a sensação de ter conseguido escrever o meu nome era tão boa que repetia sempre. Por conta de ter aprendido a ler e a escrever precocemente, uma amiga, já agora depois de adulta, fez um pré-diagnóstico de que talvez eu seja hiperléxica, termo denominado para categorizar crianças que aprendem antes do tempo e idade considerada ideal. Assim também dizem tenho traços de hiperatividade.

Quando descobri o mundo da leitura, não queria mais parar de ler. Tínhamos uma cartilha que precedia o ABC, fiquei feliz quando recebi a minha, porém eu queria ler as histórias contidas nela todas de uma vez, contudo, na escola, o momento da leitura era na hora da lição, antes da música de ir embora, música essa que não sei de quem é a autoria, todos cantávamos juntos: "a sineta está batendo, está na hora de ir embora, até logo professora que a mamãe já está lá fora", lembro-me bem dessa parte, depois da cantoria éramos liberados.

A saga da leitura, também se estendia até em casa, ficar relendo as histórias, imaginando, viajando nelas. Tive que ficar três anos na primeira série (segundo ano hoje) por conta da lei que não permitia que crianças com menos de sete anos fossem matriculadas na primeira série. Dessa forma, aos cinco anos a professora me deu os livros da primeira série, eu achei fantástico, leitura à vista; depois, aos seis anos, mais livros da série anterior (primeiro ano), chegando aos sete anos, enfim pude ser matriculada na tal da primeira série, mas havia sempre essa "fome" de ler e, em razão de não termos, biblioteca eu tinha que me contentar com os empréstimos dos livros de dar lição dos colegas mais avançados.

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita, que, por sua vez, facilitará a alfabetização. Quem está inserido em um contexto em que a leitura é habitual desde o nascimento possivelmente torna-se muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. Assim sendo, a leitura também abre um leque de opções para novas descobertas e criações, uma vez que permite adentrar e conhecer uma variedade de temas, e, até outras línguas, linguagens, a utilizar códigos linguísticos para

universalizar a comunicação. Em suma, conhecer o passado, viajar para outras dimensões, compreender a realidade contemporânea, e sem delongas admitir que não importa a forma de leitura, porém ler é um dos atos de sabedoria mais sublimes que o ser humano consegue realizar (FREIRE, 1989).

A leitura é também uma forma bastante provida do brincar, pois também se pode brincar com as palavras, um bom exemplo são as rimas, as poesias escritas com letras soltas, entre muitos outros modelos que existem e podem ser inventados de acordo com a imaginação do leitor ou do escritor. Os livros, desde os mais simples até os mais complexos, trazem um número muito grande de informações à criança, em forma de figuras, cores, texturas, sons, letras, números, formas geométricas e cheiros, enfim, todo tipo de estimulação necessária ao bom desenvolvimento intelectual infantil. Além disso, eles apresentam riquíssimas ilustrações que também excitam a criatividade. Segundo a definição da pesquisadora Vargas (2000, p. 6):

> Ler vem do latim *legere*, significando ler e colher. Interpreto símbolos gráficos de modo a que se tornem compreensíveis [...] ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca.

Então percebemos que a leitura e o contato com os livros têm a função de formar o imaginário da criança, dar-lhe a oportunidade de "viajar", são objetos de formação para elas, pois através do que leem, aprendem, se formam e transformam, podendo assim modificar o mundo.

Não fui criada num ambiente de leitores, mas de historiadores, sim, minha Mãe é analfabeta, meu Pai estudou até a segunda série do Fundamental I. Contudo, minha Mãe sempre cuidou para que eu nunca faltasse às aulas, na verdade ninguém nunca precisou me ensinar as tarefas, assim como também não precisavam reclamar ou coisa parecida, pois assim que eu chegava da escola eu fazia todas, mesmo antes do almoço. Essa observação é afirmada de acordo com Ponce (1991, p. 18) quando diz que desde os tempos primitivos "[...] a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente". A princípio sempre me contavam muitas histórias, eu adorava ouvi-los e, claro, os enchia de porquês, tanto que às vezes meu pai pedia para eu deixá-lo quieto, suponho que eu estivera dando um "nó" no juízo com tantas investigações.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando os pais, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nessa fase, é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. Segundo Abramovich (1995, p. 17).

> É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e

> tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Quando as crianças ouvem histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação. Enfim desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Brandão (2002, p. 47) diz que: "A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa". A educação não começa na escola, pois ela é apenas um suporte para ajudar o sujeito a ampliar seu senso crítico, conhecer e defender seus direitos. A educação formal é fundamental em todas as localidades, por conta disso, deve ser priorizada visando à melhoria do desenvolvimento do ser humano, para que assim este possa viver de forma digna e humana. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Artigo 22 diz o seguinte: "A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegura-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (BRASIL, 1996, n.p.). Desse modo, educar é tornar o cidadão apto para fazer suas escolhas de acordo com suas necessidades e responsabilidades. Criando condições que favoreçam ao indivíduo disposição para progredir na sua formação profissional e humana.

Considerações finais

Diante do que foi explanado, aqui, pode-se afirmar o quão relevante é a escrita, pois ela é mais que um registro: é o delineamento das nossas reminiscências que são capazes de trazer detalhes importantes sobre um determinado acontecimento. Além disso, o enriquecimento, através das leituras do vivido, reforça aquilo que está sendo dito, pois pode dar existencialidade ao texto por ser obra da memória; percorrendo as linhas do grafado. Afinal, o ato de escrever é inerente à prática constante e, somente a partir dessa prática-ação, pode-se chegar à aprendizagem significativa.

Porquanto, confirmo que os anseios colocados aqui em relação as essas vivências podem não ter sido expressos tais e quais eu viera a sentir, pois escrever é mais difícil que vivenciar e, o que experimentei por meio dos exercícios, aspirações e sensações foi algo um tanto amplo e complexo para delinear num papel com tamanha riqueza e detalhamento, mas, com certeza, foram experiências e aprendizados únicos e fazer essa transferência para o papel requer muita sensibilidade.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 18 nov. 2022.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HAGE, Salomão Mufarrej. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. **Revista Em Aberto**, Brasília, DF, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3077/2812. Acesso em: 06 set. 2022.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. 11. ed. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez. Autores associados, 1991.

SILVA, Raimunda Pereira da. **Luz no campo: A chegada da energia elétrica na comunidade do Cabeça, Serra de Itiúba-Bahia**. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, Bahia, 2021. Disponível em: http://www.pgextensaorural.univasf.edu.br/wp-content/uploads/2021/09/DISSERTA%C3%87%C3%83O_MESTRADO_RAIMUNDA_PPGExR.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOUZA, Antonio José de. **Identidades e cultura afro-brasileira na docência da roça: documento de referência para educação básica**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Jacobina, Bahia, 2016. Disponível em: https://abpn.org.br/banco-de-teses/identidades-e-cultura-afro-brasileira-na-docencia-da-roca-documentos-de-referencia-para-a-educacao-basica/.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

TANGO, João Shojiro; CARVALHO, Cássia Regina Limonta; SOARES, Nilberto Bernado. Caracterização física e química de frutos de abacate visando a seu potencial para extração de óleo. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, SP, v. 26, n. 1, p. 17-23, abr. 2004.

VARGAS, Suzana. **Leitura**: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

Informações do Artigo

Recebido em: 05/09/2022
Revisado em: 07/10/2022
Aceito em: 20/11/2022
Publicado em: 22/11/2022

Conflitos de Interesse: A autora declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo:

Silva, R. P. da, (2022). Enraizada na consciência de-mim-mesma: narrativa de uma pesquisadora, docente, mulher da roça. **Revista Macambira**, 6(1), e061016.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.722

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 05/09/2022
Revised on: 07/10/2022
Accepted on: 20/11/2022
Published: 22/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article

Silva, R. P. da (2022). Rooted in myself-consciousness: narrative of a researcher, teacher, woman from the roça. **Revista Macambira**, 6(1), e061016.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.722

License:

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.